

O mecanismo de transformação da notícia em livro-reportagem

SANDRA MOURA

Corações sujos, Fernando Moraes. São Paulo: Cia das Letras, 2000.

A passagem da notícia para a reportagem em livro é assinalada, no nível conceitual, pela sua característica de ampliar e de estender a fórmula que se consagrou nas seis perguntas básicas do jornalismo: o que, quem, quando, onde, como e por que.

A primeira idéia que ocorre é a do livro-reportagem como extensão do tradicional questionário através do qual o jornalista busca superar os traços primários da notícia. Esta constatação, por si só, não basta.

O mais recente livro de Fernando Moraes, que obteve o Prêmio Jabuti de 2001, nos possibilita entender de que maneira ocorre essa passagem da notícia para o livro-reportagem. *Corações sujos* trata da seita Shindo Renmei, a Liga do Caminho dos Súditos, composta por imigrantes japoneses e descendentes que não acreditavam na derrota do Japão na Segunda Guerra Mundial.

Os membros da Shindo Renmei divulgavam o triunfo japonês na guerra e perseguiam e matavam os patrícios que se opunham a essa idéia, a quem chamavam "corações sujos" por os considerarem "traidores da pátria". Antes das execuções, os matadores davam à vítima a oportunidade de, em vez de ser morta, cometer o *seppuku*, o suicídio ritual, desde que antes de morrer assinasse uma carta envergando-se de ter duvidado da invencibilidade japonesa. Uma história que chegou aos ouvidos de Fernando Moraes pela filha de um dos integrantes da seita, quando o jornalista preparava as entrevistas para outra obra sua, *Chatô*.

Logo de início, se constata que a história da Shindo Renmei se realiza no espaço

de pelo menos dois sistemas semióticos: o do jornal, movido pelo critério do imediato e que divulgou os fatos à época em que ocorreram, e o do livro, onde o atual se manifesta num sentido mais amplo, o que possibilitou ao jornalista trabalhar com esse tipo de acontecimento que rende ou, pelo menos, sobrevive mais ao tempo.

Dentro do domínio de cada um desses sistemas há a presença de outros códigos que assim vão se multiplicando. No livro, percebe-se a confluência de no mínimo dois códigos provenientes das linguagens verbal e visual, que também se fazem presentes no jornalismo impresso.

Em *Corações Sujos*, a história da Shindo Renmei constitui uma cadeia inter-semiótica que pode ser entendida a partir dos recursos da edição jornalística. Essa analogia entre o livro e a edição do jornalismo impresso se verifica na própria distribuição das fotografias e ilustrações na página impressa. Como ocorre nos periódicos, em *Corações Sujos* também são feitas ligações entre foto-texto, texto-título e título-foto.

A capa é a própria vitrina onde estão expostos alguns desses elementos gráficos. Ela traz a fotografia dos sete heróis de Tupã (os sete samurais) acompanhada do título *Corações Sujos*. Mas são as páginas interiores do livro que revelam melhor essa semelhança com o processo de edição do jornal — e mais ainda da revista. Ou seja, a disposição dos elementos gráficos no livro remete à edição de reportagens no jornalismo impresso, onde o texto escrito que compõe a matéria jornalística é intercalado por fotografias, gráficos, ilustrações, charges etc.

As fotos e ilustrações estão acompanhadas por legendas, como normalmente acontece nos periódicos, e dispostas na página como pertencentes à narrativa. Basta ver as fotos que ilustram as armas e o vestuário dos membros da seita ou as dos personagens e das fachadas das residências que eram pichadas pelos adeptos da Shindo Renmei, com frases de ameaça do tipo “limpe sua garganta”, anunciando que a vítima teria o pescoço cortado.

Acrescenta-se a essa dinâmica visual do livro a presença de *fac-símile* da revista *Life*, mais especificamente da edição montada pelos membros da seita, em cuja reportagem os oficiais japoneses recebem a rendição dos norte-americanos. Os elementos gráficos têm uma importância vital na configuração da linguagem deste livro, o que torna inviável uma leitura da obra sem as fotografias e as ilustrações, a exemplo do mapa localizando a área de atuação da seita, as cédulas de dólares, pesos e florins falsificadas pela seita, além das cartas e selos supostamente enviados pelo governo japonês para comemorar a vitória sobre os Aliados.

Pela disposição desses elementos gráficos e ainda dos títulos dos capítulos que lembram as “chamadas” jornalísticas, o leitor de *Corações Sujos* poderá obter, em

poucos passos, uma boa visão da história da Shindo Renmei. Semelhante ao que ocorre com o leitor de jornal e de revista que rastreia em segundos o que ocorre na página impressa e obtém ali uma visão geral do que lhe é oferecido.

Esse material iconográfico tem como papel também atestar a veracidade das informações. É como se o autor dissesse ao seu leitor que aquela história, que mais parece um romance do realismo mágico, de fato aconteceu.

A passagem dessa informação do jornal para o livro acionou um outro elemento importante — a memória. Não apenas a memória constituída pela documentação impressa, mas também aquela decorrente dos depoimentos de pessoas envolvidas direta ou indiretamente nos fatos. Neste caso, as entrevistas introduzem outros elementos próprios da oralidade, diversificando, assim, as codificações presentes na linguagem do livro.

Além das entrevistas, é extensa a pesquisa nos arquivos da polícia, dos jornais, das bibliotecas, dos museus e do Senado Federal. Cabe ressaltar que o jornalista, embora parta da singularidade do fenômeno jornalístico, não vai a ele se prender, mas vai abordar o acontecimento por múltiplos ângulos.

No livro, não interessa ao jornalista apenas anunciar o saldo de 23 mortos e 147 feridos pelos atentados da seita, no período que vai de janeiro de 1946 a fevereiro de 1947, em São Paulo, principalmente em cidades como Tupã, Oswaldo Cruz e Bastos, onde a organização se instalou com mais força.

Tampouco interessa a ele informar que as punições à organização resultaram na prisão de mais de 31 mil imigrantes japoneses, sendo 381 denunciados pela Justiça, 80 expulsos do país por ordem do presidente da República, Eurico Gaspar Dutra, a qual acabou não se concretizando por conta dos recursos judiciais que protelavam a pena de expulsão e, mais tarde, pelo perdão do então presidente Juscelino Kubitschek, que colocou todos os presos em liberdade.

A busca de Fernando Moraes não é apenas a investigação documental, mas a investigação do espírito e/ou do estado das personagens. Nesse sentido, é útil perceber a construção de mini-perfis, como o do coronel Junji Kikawa, um dos principais idealizadores da seita. O enfoque da vida do coronel, por exemplo, serve para mostrar a situação de um imigrante e é ainda um espaço compartilhado por múltiplas codificações. Mediante a técnica do perfil se acionam vestuário, hábitos, costumes, ações e crenças dos personagens e a própria história de cada um desses imigrantes.

A chegada do coronel Kikawa ao Brasil é reveladora disso:

Kikawa arrastou mãe, mulher e sete filhos pelo sertão adentro e foi bater em Rancharia, a mais de quinhentos quilômetros da capital, onde ele se estabeleceria como plantador de algodão

em terras de uma cooperativa. Apesar da distância, mantinha praticamente a mesma rotina diária dos tempos do Japão: acordava cedo, vestia-se ritualmente, com coloridos quimonos de seda, cobria a cabeça com um barrete e fazia uma demorada reverência em direção ao nascente: o primeiro cumprimento do dia era reservado ao imperador. Depois se dirigia ao pequeno oratório xintoísta da deusa Amaterasu Omikami, rezava por alguns minutos, de mãos postas, e só então pronunciava as primeiras palavras do dia com a família. Apesar de ser um homem taciturno e de poucos sorrisos, Kikawa se tornara popular nas festas da colônia pelo talento como declamador de nô. Os patrícios se referiam a ele de forma solene e reverente. “é digno de ser um grande chefe”, dizia um (Morais, 2000: 71).

Os rituais dos *tokkotai*, os jovens encarregados de executar os “traidores da pátria”, também são descritos a partir de múltiplos códigos, como o vestuário, a gestualidade, enfim, do tipo de comportamento que eles adotavam no momento das execuções.

As recomendações eram mais ou menos as mesmas de sempre: todos deviam usar bandeira do Japão sob a roupa; toda ação teria que ser precedida da entrega de uma ‘carta de suicídio’ ao traidor, junto com um *tanto*, a adaga japonesa recomendada para a prática do haraquiri, ou do *seppuku*, o suicídio ritual (Morais, 2000: 161).

Além de portar armas e de usar bandeiras para enrolar o corpo, os *tokkotai* vestiam uma capa amarela, idêntica à dos feirantes de São Paulo, na sua maioria japoneses. Os matadores eram divididos em grupos de cinco. Cumprindo determinação da seita, os *tokkotai*, antes da execução, ofereciam às suas vítimas o *seppuku*. Quem se recusava a praticar o suicídio, era executado. Foi assim que aconteceu com o coronel Wakiyama, assassinado na frente da mulher e do filho, na sala de visita da sua casa. Na saída, os assassinos se perfilaram e bateram continência para o cadáver. Como parte final do ritual, eles se entregaram à polícia, deixando claro que não eram criminosos, mas súditos fiéis do imperador.

O processo de transformação da notícia em grande reportagem, de certo modo, nos possibilita ver que o texto de Fernando Moraes não se reporta apenas à guerra travada entre os imigrantes japoneses. Na verdade, *Corações Sujos* não vai só estabelecer a linha divisória que coloca, de um lado, os *makegumi* (os “esclarecidos” ou “derrotistas”, formados por japoneses com situação econômica e cultural mais elevada, que já tinham se integrado à sociedade brasileira) e, de outro lado, os *kachigumi* (os “patriotas ou vitoristas”, compostos por lavradores, feirantes, tintureiros e ex-militares, devotos das mais rígidas tradições militares japonesas, seguidores do imperador e propagadores da vitória do Japão com base na tese de que em 2600 anos o país jamais perdera uma guerra e que, na remota hipótese de

uma derrota, ocorreria o suicídio coletivo de 100 milhões de japoneses, acompanhando o mesmo gesto do imperador).

No capítulo seis, por exemplo, já não se trata de uma guerra entre japoneses, mas também o acerto de contas entre brasileiros e japoneses que se transformou em outra guerra, igualmente cruel, banal e macabra, como os atentados da Shindo Renmei.

O assassinato de um brasileiro por um japonês, aparentemente sem relação com a matança da seita, que só tinha como alvo os nipônicos, serve como pano de fundo para o surto de violência dos brasileiros contra os japoneses. Mas a prática de caçar japoneses pelo laço e arrastá-los pelas ruas de Oswaldo Cruz não parece apenas uma retaliação ao assassinato de Pascoal de Oliveira, o Nego. Há indícios de que a ira de brasileiros contra japoneses parece vir de muito antes, pelo menos desde a chegada dos nipônicos em terras brasileiras.

Na primeira parte da obra, o narrador mostra como os hábitos, costumes, vestimentas dos imigrantes japoneses causavam estranheza e como eles eram ridicularizados pelos brasileiros.

Seus hábitos, como tomar banho sentado no ofurô, a banheira circular de madeira, eram ridicularizados pelos brasileiros. Suas mulheres eram chamadas de 'macacas' pelas vizinhas, porque carregavam os bebês presos às costas. Homem que saísse na rua calçando o *jikatabi* – o sapato japonês em que o dedão do pé fica separado dos demais, semelhante ao casco de um animal – era imediatamente apelidado de unha de vaca (Morais, 2000: 25).

Fernando Morais descreve ainda em *Corações sujos* não apenas as ações da Shindo Renmei mas contextualiza a época em que esses episódios ocorreram, oferecendo ao leitor um painel da vida política brasileira na primeira metade do século passado. Mostra os antecedentes históricos, indo desde a chegada dos imigrantes japoneses ao Brasil e suas formas de organização até os embates políticos na Assembleia Nacional Constituinte de 1946, onde foram discutidas, entre outras propostas, as que tratavam da questão imigratória.

No livro, são descritos os debates entre os constituintes de uma emenda que tentava proibir a entrada de japoneses no Brasil. O episódio envolveu figuras como Luís Carlos Prestes e Gilberto Freyre, o primeiro a favor e o segundo contra a proposta, que acabou sendo reprovada, com uma votação dramática decidida pelo Voto de Minerva do presidente da Constituinte, Fernando Melo Viana.

Mais adiante, é possível ficar por dentro do apoio da Shindo Renmei a Ademar de Barros para o Governo do Estado. Eleito, Ademar se empenhou na solução de problemas financeiros e judiciais da colônia e atendeu ao pedido de prisão de dois imigrantes considerados inimigos da seita.

A relação que se estabelece entre os diversos sistemas nos mostra que os códigos da notícia, postos em outro contexto, passam por uma mudança nos procedimentos de interpretação. Em *Corações sujos*, vimos essa operação geradora de sentidos não como um fato isolado — a matança da seita —, mas esse fato em contato com outros e com o meio semiótico no qual se insere.

Sandra Moura é jornalista, professora da UFPb e doutoranda no PEPG em Comunicação e Semiótica da PUC-SP.

NORMAS PARA COLABORADORES

1. Os Editores da revista *Galáxia* aceitam colaborações de trabalhos originais e inéditos (de autoria individual ou coletiva) sob a forma de artigos, ensaios, diálogo, entrevista, notícias de eventos científicos na área de comunicação e semiótica, resenhas e projetos de produtos comunicacionais e artísticos, submetidos à apreciação de seu Conselho Editorial.
2. Os textos deverão ser:
 - a) digitados no editor Word com página no formato A4 (margem superior 4cm, inferior 3,7cm, esquerda 3cm, direita 2cm, cabeçalho 1,25cm e rodapé 2,3cm) em fonte Times New Roman, corpo doze, com entrelinhamento simples, sem justificativa no final da linha
 - b) enviados em disquete (ou CD-ROM) ou por e-mail, acompanhados de uma cópia impressa. Na etiqueta do disquete (ou CD-ROM) deverá constar o seguinte: nome do autor; nome do arquivo do artigo (preferencialmente o sobrenome do autor); programa usado com especificações.
3. A extensão será: de 15 a 25 páginas para artigos, ensaios, diálogo, entrevista e projetos; de 3 a 5 páginas para as resenhas e notícias.
4. Os títulos dos trabalhos devem ser digitados em caixa alta e baixa, corpo 14, em negrito e centralizados na página. O nome do autor deve ser centralizado e em itálico.
5. Os trabalhos devem ser introduzidos por um resumo de 5 a 10 linhas e, pelo menos, 3 palavras-chave, digitadas em corpo 10. Incluir o *abstract* (tradução em inglês do resumo mais palavras-chave).
6. As citações no interior do texto devem ser digitadas em itálico e separadas por aspas. No final da citação, deve aparecer entre parênteses e em corpo 10 o sobrenome do autor, ano e páginas da publicação. Exemplo: (Peirce 1987: 341-2).
7. Citações mais longas do que três linhas devem ser destacadas do parágrafo e digitadas em espaço simples, com letra corpo 10 e sem aspas. Todas as citações no corpo devem ser listadas na seção de Referências no final do texto. As indicações bibliográficas completas não devem ser citadas no corpo do texto. Entre parênteses devem ser indicados apenas o sobrenome do autor, data e páginas. Ex. (Eco 1974: 254).
8. As notas de rodapé no final da página deverão se restringir a comentários estritamente necessários ao desenvolvimento da exposição e não para citações bibliográficas.
9. As resenhas (de livros, teses, CD sonoro, CD-ROM, produtos de hiperídia etc) devem ter um título próprio que seja diferente do título do trabalho resenhado. O título deve ser seguido das referências completas do trabalho que está sendo resenhado. No caso de livros, não esquecer de colocar, como parte das referências (editora, local etc), o número de páginas.
10. As referências bibliográficas devem colocadas em seguida ao artigo, em corpo 10, de acordo com o padrão científico internacional vigente.

- a) Livros: sobrenome do autor em maiúsculas, nome em minúsculas, ano da publicação entre parênteses seguido de ponto final, título em itálico seguido por ponto final, cidade seguida por dois pontos e editora. Exemplo:
SEBEOK, Thomas A. (1979). *The Sign and its Masters*. Austin: University of Texas Press.
SANTAELLA, Lúcia & NÓTH, Winfried (1998). *Imagem. Cognição. Semiótica*. São Paulo: Experimento.
- b) Capítulos de livro ou artigos de coletânea:
JAKOBSON, Roman (1990). Brain and Language. *On Language* (ed. by L.R. Waugh & M.M.-Burston). Cambridge: Harvard University Press.
IVANOV, Viatcheslav (1976). The Role of Cybernetic Study of Man and Collective. In: LUCID, Daniel P. (ed.). *Soviet Semiotics. An Anthology*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press.
- c) Artigos em periódicos:
MACHADO, Arlindo (1995). As comunicações sob o impacto da informática. *Comunicação e Educação*, São Paulo, n° 2, jan.-abr., pp. 14-20.
- d) Traduções:
GREIMAS, A. J. e COURTÉS, J. (1983). *Dicionário de semiótica* (trad. Alceu Dias Lima et al.). São Paulo: Cultrix
- e) Textos da Internet:
CHANDLER, Daniel. *An Introduction to Genre Theory*. <http://www.aber.ac.uk/~dgc/intgenre.html>
Acessado em 23 de agosto de 2000.
11. A permissão para reprodução de ilustrações é de inteira responsabilidade do autor. As imagens deverão ser gravadas no formato tif ou eps, com no mínimo 300 dpi.
12. Apresentar, finalmente, uma biografia acadêmica do autor em 5 linhas, digitadas em corpo 10.
13. *Galáxia* reserva-se o direito de processar modificações que visem à correção gramatical, à preparação técnica dos originais e à acomodação no projeto gráfico.
14. *Galáxia* aceita artigos para publicação em português, espanhol, francês, italiano e inglês.
15. As colaborações devem ser enviadas para a Redação Editorial da revista.

ENDEREÇO PARA ENVIO DE COLABORAÇÕES

Galáxia. Revista Transdisciplinar de Comunicação, Semiótica, Cultura.

a/c Irene Machado.

Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica - PUC-SP.

Rua João Ramalho, 182, 4º andar – 05008-000 São Paulo - SP – Brasil.

e-mail: cos-puc@pucsp.br

www.pucsp.br/~cos-puc/galaxia

SUBMISSION RULES

1. The Editors of *Galaxia* invite submission of original and unpublished works such as articles (essays or communications), scientific news in the communication and semiotics area, artistic and communication products reviews. All of them will be submitted to *Galaxia*'s Editorial Board.
2. To be considered for publication, works should be computer-generated with indications of the system and word-processing software used. They should be:
 - a) Typed in Word in Times New Roman print, size twelve, double-spaced without a right margin at the end of the line;
 - b) Sent on disk with a paper printout attached or by e-mail. The disk label should have: the author's name, the name of the article's file (preferably with author's surname).
3. It should be from 15 to 25 pages long for articles and from 3 to 5 pages long for reviews.
4. The titles of the articles and reviews should be typed in capital and small print, size 14, in bold and centered in the line. The name of the author should be centered as well, accompanied with the institutional or organizational affiliation.
5. The articles must enclosure two abstracts about 5 lines, typed in size 10: one in Spanish or Portuguese and one in English and, at least 3 key words.
6. Quotations in the body of the text should be typed in italics and separated by quotation marks. The author's surname, the year and publication pages should come at the end of the quotation, between parentheses and in size 10. Ex.: (Peirce 1987: 341-2).
7. Quotations of more than three lines or sentences should be indented, without quotation marks, and typed in size 10. All quotations in the text must be listed in the **References** section at the end of the text. Complete bibliographical information is not cited in the text. Rather references should be made in the text by indicating as follows in parentheses the author's surname, the date of the work referred to and the page numbers. Ex. (Eco 1974: 254).
8. Footnotes should be used sparingly, and reserved only to substantial and absolutely necessary comments to the presentation of the ideas and not for citing bibliographical information, or referring to the bibliography.
9. Reviews (of books, thesis, sound CD, CD-ROM, hypermedia etc) must have their own title which must be different from the one of the reviewed work. Its references must follow the title.
10. Complete bibliographical details should be listed by alphabetical order of authors and typed in size 10, according to standard scientific norms and practices accepted by the journal as follows:
 - a) Books: surname in capital letters, name, the year of publication in parentheses and followed by italicized titles. The place of publication and the publisher must be after all. Ex. SEBEOK, Thomas A. (1979). *The Sign and its Masters*. Austin: University of Texas Press.

- SANTAELLA, Lúcia & NÓTH, Winfried (1998). *Imagem. Cognição. Semiótica*. São Paulo: Experimento.
- b) Chapter in a book or in a collective volume:
JAKOBSON, Roman (1990). Brain and Language. *On Language* (ed. by L.R. Waugh & M.M.-Burston). Cambridge: Harvard University Press.
IVANOV, Viatcheslav (1976). The Role of Cybernetic Study of Man and Collective. In: LUCID, Daniel P. (ed.). *Soviet Semiotics. An Anthology*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press.
- c) Articles in journals:
MACHADO, Arlindo (1995). As comunicações sob o impacto da informática. *Comunicação e Educação*, São Paulo, n° 2, jan.-abr., pp. 14-20.
- d) Translations:
GREIMAS, A. J. e COURTÉS, J. (1983). *Dicionário de semiótica* (trad. Alceu Dias Lima et al.). São Paulo: Cultrix
- e) Texts in the Internet:
CHANDLER, Daniel. *An Introduction to Genre Theory*. <http://www.aber.ac.uk/~dgc/intgenre.html>
August 23, 2000 [access date].
11. Required illustrative materials must be supplied by authors who are responsible for obtaining all necessary permissions to publish. Illustrations and photo should be processed in tif or eps, with 300 dpi.
12. A short (5 lines) academical biography should appear at the end of the article.
13. *Galáxia* holds the right to process any changes regarding grammar correction, technical preparation of the original texts.
14. *Galáxia* will appreciate submissions in Portuguese, Spanish, French, Italian and in English.
15. Please send all submitted articles to the Director and Editor-in-Chief at the journal's mailing and e-mail address

SUBMISSION MAILING ADDRESS

Galáxia. Revista Transdisciplinar de Comunicação, Semiótica, Cultura.
c/o Irene Machado
Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica – PUC-SP.
Rua João Ramalho, 182, 4º andar – 05008-000 São Paulo - SP – Brasil.
e-mail: cos-puc@pucsp.
www.pucsp.br/~cos-puc/galaxia